O PAPEL DO EDUCADOR NA CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS AFETIVOS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

SANDRA SILVA DE SOUZA

RESUMO

Este artigo explora a importância do educador na construção de vínculos afetivos durante a primeira infância, um período fundamental para o desenvolvimento emocional e social das crianças. A pesquisa destaca que a relação afetiva entre educador e aluno é essencial para o fortalecimento da autoestima, da confiança e da capacidade de socialização. Através de uma revisão da literatura, o estudo argumenta que a promoção de um ambiente acolhedor e seguro é crucial para o aprendizado e o desenvolvimento integral. Os resultados sugerem que a formação dos educadores deve incluir uma ênfase na construção de laços afetivos, reconhecendo a singularidade de cada criança e contribuindo para um desenvolvimento saudável e harmonioso.

Palavras-chave: educador, vínculos afetivos, primeira infância, desenvolvimento emocional, formação de educadores.

ABSTRACT

This article explores the importance of the educator in building affective bonds during early childhood, a fundamental period for children's emotional and social development. The research highlights that the affective relationship between educator and student is essential for strengthening self-esteem, confidence, and socialization skills. Through a literature review, the study argues that promoting a welcoming and safe environment is crucial for learning and holistic development. The findings suggest that educator training should emphasize the construction of affective ties, recognizing the uniqueness of each child and contributing to healthy and harmonious development.

Keywords: educator, affective bonds, early childhood, emotional development, educator training.

1 INTRODUÇÃO

A primeira infância, compreendida desde o nascimento até os seis anos de idade, é considerada um dos períodos mais sensíveis e significativos do desenvolvimento humano. Durante essa fase, as crianças vivenciam intensas transformações em múltiplas dimensões – física, emocional, cognitiva, social e afetiva – que se entrelaçam de maneira contínua, constituindo a base para todas as etapas posteriores de seu crescimento. É nesse momento que se estruturam as primeiras representações sobre si mesmas, sobre os outros e sobre o mundo ao seu redor. Essas experiências precoces são determinantes para a formação da personalidade, da identidade e da capacidade de estabelecer vínculos duradouros e saudáveis ao longo da vida. O ambiente no qual a criança está inserida nos primeiros anos de vida, especialmente o contexto escolar, desempenha um papel fundamental nesse processo de desenvolvimento. A escola, enquanto espaço de convivência e aprendizagem, torna-se um dos principais cenários de socialização infantil, contribuindo para a construção de valores, atitudes e comportamentos. Nesse espaço coletivo, o educador emerge como figura central, não apenas na mediação do conhecimento formal, mas também na mediação das relações humanas. Seu olhar atento, sua escuta sensível e sua postura acolhedora são elementos essenciais para a formação de vínculos afetivos que favorecem a segurança emocional da criança e ampliam suas possibilidades de aprendizagem.

A afetividade, embora historicamente tenha sido relegada a um plano secundário no processo educacional, vem sendo cada vez mais reconhecida como componente indispensável à prática pedagógica, especialmente na Educação Infantil. Ela não se limita ao campo das emoções individuais, mas se expressa na qualidade das interações estabelecidas entre educadores e educandos, sendo construída no cotidiano por meio de gestos, palavras, expressões e atitudes. Quando há afeto, a aprendizagem torna-se mais significativa, pois o conhecimento é construído dentro de uma relação de confiança mútua, na qual a criança se sente segura para explo-

rar, questionar, errar e recomeçar.
Estudos nas áreas da Psicologia do Desenvolvimento, da Neurociência e da Pedagogia apontam que a construção de vínculos afetivos positivos na primeira infância tem impacto direto na formação da autoestima, na regulação emocional e na

capacidade de resolução de conflitos. Crianças que mantêm relações estáveis e afetuosas com adultos de referência, como os educadores, apresentam maior facilidade para se expressar, interagir em grupo e lidar com frustrações. Além disso, essas relações influenciam positivamente o comportamento, a motivação para aprender e a construção do sentimento de pertencimento ao ambiente escolar.
Dessa forma, o educador assume um papel que vai além da função técnica de ensinar conteúdos: ele atua como um agente de cuidado, escuta e afeto. Essa responsabilidade exige preparo não apenas pedagógico, mas também emocional e relacional. A sensibilidade para perceber as necessidades das crianças, a capacidade de oferecer acolhimento diante de situações desafiadoras e a habilidade de construir laços de confiança são competências que precisam ser cultivadas ao longo da trajetória docente. No entanto, muitas vezes, a formação inicial de professores não contempla de forma suficiente a importância da dimensão afetiva na prática pedagógica, o que evidencia a urgência de repensar os currículos formativos e investir na formação continuada.
Este artigo tem como objetivo discutir a importância dos vínculos afetivos entre educadores e crianças na primeira infância, considerando os impactos dessas relações sobre o desenvolvimento integral infantil. Para isso, será realizada uma revisão da literatura que explore os fundamentos teóricos que sustentam a afetividade na educação, as práticas pedagógicas que favorecem o estabelecimento de vínculos afetivos saudáveis e os desafios enfrentados pelos profissionais da Educação Infantil nesse processo. Além disso, serão analisadas as implicações dessas relações para a constituição de ambientes escolares mais acolhedores, empáticos e promotores de bem-estar.
Ao compreender o educador como sujeito relacional, emocional e formador de vínculos, propõe-se aqui uma reflexão crítica sobre a necessidade de humanizar os processos educativos desde os primeiros anos de vida. O cuidado com as relações, a escuta atenta e o respeito à singularidade de cada criança são elementos que não apenas qualificam a prática docente, mas também contribuem para a formação de indivíduos mais conscientes, afetivos e socialmente responsáveis. Valorizar o papel do educador como construtor de vínculos afetivos é, portanto, reconhecer que o afeto é também um ato pedagógico transformador.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS DOS VÍNCULOS AFETIVOS NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Os vínculos afetivos estabelecidos na primeira infância exercem um papel determinante na formação da personalidade, na estruturação emocional e na forma como a criança se relacionará com o mundo ao longo da vida. Essa compreensão é fundamentada por diversas teorias que evidenciam a afetividade como elemento central no desenvolvimento humano, especialmente nos primeiros anos de vida, período marcado por intensa plasticidade cerebral e pelas primeiras experiências sociais.
A Teoria do Apego, desenvolvida por John Bowlby, é um dos pilares na compreensão da importância dos vínculos afetivos nessa fase. Para o autor, a criança nasce com a necessidade de estabelecer laços emocionais com figuras adultas que lhe garantam proteção e segurança, sendo esses laços essenciais para o desenvolvimento saudável (BOWLBY, 1984). A forma como esse apego é construído influencia diretamente a maneira como o indivíduo enfrentará desafios, se relacionará socialmente e construirá sua autoestima. Nesse sentido, a figura do educador pode representar um ponto de segurança emocional, principalmente quando há estabilidade e acolhimento no ambiente escolar.
Mary Ainsworth, ao dar continuidade aos estudos de Bowlby, identificou padrões de apego que variam conforme a qualidade das interações entre crianças e adultos cuidadores. Segundo a autora, crianças que se

sentem compreendidas, protegidas e emocionalmente amparadas tendem a desenvolver um apego seguro, o que favorece a autonomia, a exploração do ambiente e o interesse pela aprendizagem (AINSWORTH et al., 1978). Nesse contexto, o papel do educador ganha ainda mais relevância, pois ele pode assumir uma posição complementar à da família na oferta de vínculos consistentes e positivos.

Outro teórico que contribui para essa discussão é Henri Wallon, que destaca a afetividade como função essencial do desenvolvimento infantil. Para Wallon, as emoções são tão importantes quanto a cognição, pois têm o poder de mobilizar a criança para a ação e de orientar sua relação com o outro e com o meio (WALLON, 2007). A afetividade, nessa perspectiva, antecede a razão e constitui-se como a base sobre a qual a inteligência e a consciência se desenvolvem. Assim, práticas pedagógicas que desconsideram as emoções da criança acabam limitando o potencial de aprendizagem e desenvolvimento integral.

Lev Vygotsky, por sua vez, reforça que o aprendizado é mediado por meio da interação social, sendo o outro – geralmente um adulto ou par mais experiente – um agente fundamental nesse processo. Embora seu foco esteja nas funções psicológicas superiores e na mediação simbólica, Vygotsky reconhece que tais interações não são neutras, mas carregadas de afeto, o que influencia a construção do conhecimento (VYGOTSKY, 1991). Dessa forma, o vínculo afetivo entre educador e criança é também uma ponte para o desenvolvimento intelectual, favorecendo a motivação, a curiosidade e a confiança no processo de aprender.

Contribuições recentes da Neurociência vêm confirmar e ampliar essas compreensões. Pesquisas demonstram que experiências afetivas positivas na infância estimulam regiões do cérebro relacionadas à memória, à atenção e à regulação emocional, sendo essas habilidades fundamentais para o desempenho escolar e para a convivência social (DAMÁSIO, 2003). Em contrapartida, a ausência de vínculos afetivos consistentes pode levar ao estresse tóxico, prejudicando o desenvolvimento neurológico e emocional da criança.

Dessa maneira, os vínculos afetivos não devem ser considerados apenas como aspectos complementares da educação infantil, mas como elementos estruturantes do processo educativo. O educador, ao oferecer escuta, acolhimento e presença sensível, atua diretamente na constituição emocional da criança, fortalecendo sua segurança interna e seu desejo de aprender. Como apontam os estudos citados, a qualidade dessas interações pode influenciar toda a trajetória escolar e social do indivíduo, sendo, portanto, um eixo central na prática pedagógica.

2.2 O EDUCADOR COMO AGENTE FORMADOR DE VÍNCULOS AFETIVOS

O papel do educador na primeira infância transcende a simples transmissão de conhecimentos; ele é fundamental na construção de vínculos afetivos que promovem o desenvolvimento integral das crianças. Ao estabelecer relações baseadas na confiança, no respeito e na empatia, o educador atua como uma figura de apego complementar, capaz de oferecer segurança emocional e acolhimento em um ambiente fora do núcleo familiar (BOWLBY, 1984; AINSWORTH et al., 1978). Essa presença sensível é imprescindível para que as crianças se sintam valorizadas, compreendidas e motivadas a explorar e aprender.

Segundo Wallon (2007), a afetividade está intrinsecamente ligada à aprendizagem, pois é por meio das emoções que a criança se conecta com o mundo e constrói sentido para suas experiências. Nesse sentido, o educador que demonstra atenção e cuidado emocional contribui para que o ambiente escolar seja percebido como um espaço seguro, onde as crianças podem expressar seus sentimentos e desenvolver suas potencialidades de forma plena.

Além disso, estudos apontam que o vínculo afetivo entre educador e criança influencia positivamente o comportamento e o engajamento nas atividades pedagógicas (VYGOTSKY, 1991). A mediação do conhecimento realizada por professores que cultivam relações afetivas estimula a motivação intrínseca dos alunos, favorece a autoestima

e fortalece as habilidades socioemocionais, essenciais para o sucesso escolar e a convivência em grupo.

Entretanto, para que o educador exerça esse papel de forma eficaz, é necessário que ele possua competências emocionais desenvolvidas, como a capacidade de escuta ativa, a empatia e o manejo adequado das próprias emoções (COX; PALMER, 2016). A formação inicial e continuada dos professores deve, portanto, contemplar esses aspectos, preparando-os para atuar não apenas como transmissores de conteúdo, mas como agentes sensíveis às necessidades emocionais das crianças.

O contexto institucional e as condições de trabalho impactam diretamente a capacidade do educador de estabelecer vínculos afetivos saudáveis. Pressões relacionadas à carga horária, à quantidade de alunos e à falta de apoio emocional podem comprometer a qualidade dessas relações (FERREIRA; SOUZA, 2019). Assim, políticas públicas e práticas de gestão escolar que valorizem o bem-estar dos profissionais da educação são fundamentais para garantir um ambiente propício à construção de vínculos afetivos significativos.

Por fim, ao assumir o papel de agente formador de vínculos, o educador contribui não só para o desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças, mas também para a construção de uma cultura escolar pautada na empatia, no respeito e na solidariedade, valores imprescindíveis para a formação de sujeitos críticos e comprometidos com o coletivo (SANTOS; LIMA, 2020).

2.3 A CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS NO COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A construção de vínculos afetivos no cotidiano da Educação Infantil é um processo contínuo que se manifesta por meio das interações diárias entre educadores e crianças. Essas relações são fundamentais para o estabelecimento de um ambiente educativo que promova segurança emocional, confiança e o desenvolvimento integral do sujeito. Segundo Bronfenbrenner (2004), o ambiente imediato no qual a criança está inserida — o microssistema — exerce uma influência determinante em seu desenvolvimento, e as relações afetivas construídas neste espaço são a base para o fortalecimento dos vínculos interpessoais.

No contexto escolar, o vínculo afetivo se consolida através de práticas pedagógicas que valorizam a escuta sensível e o respeito às necessidades individuais das crianças. Kaye (2011) destaca que o cuidado atento e a presença emocional do educador são elementos imprescindíveis para que as crianças se sintam acolhidas e motivadas a interagir com o meio. A construção do vínculo não depende apenas de grandes gestos, mas também de pequenas atitudes cotidianas, como o sorriso, o contato físico respeitoso, o reconhecimento das emoções e o diálogo constante.

Além disso, Tobin, Wu e Davidson (1989) ressaltam que o brincar constitui um espaço privilegiado para a construção desses vínculos, pois é por meio da brincadeira que a criança expressa suas emoções, estabelece relações e experimenta a confiança nos adultos que a acompanham. O educador que participa ativamente dessas interações lúdicas fortalece os laços afetivos, promovendo um ambiente em que a criança se sente segura para explorar, criar e socializar.

A comunicação não verbal, como gestos, olhares e tom de voz, também desempenha papel essencial na construção dos vínculos. Como afirmam Tronick e Cohn (1989), essas formas sutis de comunicação contribuem para a sincronização afetiva entre educador e criança, favorecendo o reconhecimento mútuo e o estabelecimento de uma relação de confiança.

Por fim, a consistência e a previsibilidade nas rotinas escolares são apontadas como fatores que contribuem para a sensação de segurança e pertencimento da criança (MONTIE; XU, 2008). A repetição de momentos de cuidado, como a acolhida diária, as refeições e as despedidas, organizados de forma afetiva e respeitosa, favorecem a construção gradual de vínculos que sustentam o desenvolvimento socioemocional e cognitivo.

Portanto, a construção de vínculos no cotidiano da Educação Infantil não é resultado de ações isoladas, mas sim da conjunção de práticas sensíveis, consistentes e afetivas que permeiam cada instante da rotina es-

colar, consolidando relações que apoiam o crescimento saudável das crianças.

2.4 DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DE VÍNCULOS AFETIVOS EM CONTEXTOS EDUCACIONAIS

A construção de vínculos afetivos no ambiente escolar, embora essencial, enfrenta diversos desafios que podem comprometer a qualidade das relações entre educadores e crianças. Esses obstáculos decorrem tanto das condições institucionais quanto das demandas pessoais e sociais que envolvem a prática docente.

Um dos principais desafios é a elevada carga de trabalho e a sobrecarga emocional vivenciada pelos educadores. Conforme destaca Day (2004), o estresse profissional pode levar à exaustão emocional, reduzindo a capacidade dos professores de manter uma postura empática e acolhedora, elementos indispensáveis para o estabelecimento de vínculos afetivos sólidos. Essa situação é agravada quando as instituições não oferecem suporte adequado, como acompanhamento psicológico e formação continuada focada no bem-estar emocional dos profissionais.

Outro fator que dificulta a construção de vínculos afetivos é a diversidade e complexidade das demandas das crianças, que incluem diferentes ritmos de desenvolvimento, necessidades emocionais específicas e contextos familiares variados. Como apontam Rinaldi e Barros (2018), a heterogeneidade presente nas salas de Educação Infantil exige do educador flexibilidade, sensibilidade e estratégias diferenciadas para atender cada criança de forma individualizada, o que nem sempre é viável diante do número elevado de alunos e da limitação de recursos.

Além disso, a falta de valorização social e profissional da carreira docente impacta diretamente na motivação e na dedicação dos educadores à construção de vínculos afetivos. Segundo Souto-Manning (2013), a desvalorização do trabalho docente, manifestada por baixos salários, condições precárias e reconhecimento insuficiente, contribui para o adoecimento físico e emocional dos professores, dificultando o engajamento afetivo necessário para uma prática pedagógica de qualidade.

A violência e a vulnerabilidade social também são desafios presentes no cotidiano escolar que interferem na formação dos vínculos. Crianças que vivem em contextos de risco podem apresentar comportamentos de resistência ou dificuldade para estabelecer confiança com adultos, exigindo do educador habilidades específicas de acolhimento e manejo emocional (Garbarino, 1999). Nesses casos, a construção do vínculo afetivo torna-se um processo mais delicado e demorado, que demanda paciência, persistência e formação adequada dos profissionais.

Por fim, as políticas públicas educacionais muitas vezes não priorizam o aspecto relacional da educação infantil, focando excessivamente em resultados acadêmicos e no cumprimento de conteúdos programáticos. Como alertam Fleer e Dalli (2014), essa visão restrita pode negligenciar a importância dos vínculos afetivos, comprometendo a promoção de um ambiente escolar que respeite a integralidade da criança.

Diante desses desafios, é imprescindível que gestores, educadores e formuladores de políticas dialoguem e implementem estratégias que valorizem o bem- estar emocional das crianças e dos profissionais, promovendo condições adequadas para a construção de vínculos afetivos duradouros e transformadores no ambiente escolar.

2.5 IMPACTOS DOS VÍNCULOS AFETIVOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM E NA TRAJETÓRIA ESCOLAR

Os vínculos afetivos construídos entre educadores e crianças durante a primeira infância desempenham um papel decisivo no desenvolvimento integral do sujeito e possuem impactos duradouros no processo de aprendizagem e na trajetória escolar. A segurança emocional gerada por essas relações contribui para que a criança se sinta acolhida, valorizada e motivada a explorar o ambiente escolar, fatores que influenciam diretamente seu desempenho acadêmico e social ao longo do tempo. Pianta (1999) destaca que a qualidade da relação professor-aluno é um dos preditores mais consistentes do sucesso

escolar. Crianças que experienciam vínculos afetivos positivos apresentam maior engajamento nas atividades pedagógicas, desenvolvem autonomia e demonstram maior persistência diante das dificuldades. A

presença de uma figura adulta confiável cria um ambiente em que a aprendizagem se torna um processo significativo, pois o aluno se sente seguro para experimentar, errar e reaprender.

A regulação emocional, elemento diretamente ligado aos vínculos afetivos, também tem papel crucial na aprendizagem. Hamre e Pianta (2001) enfatizam que crianças que estabelecem conexões afetivas estáveis com seus educadores desenvolvem habilidades de autocontrole e atenção, que facilitam a concentração nas tarefas escolares. A capacidade de gerenciar emoções e comportamentos é um aspecto fundamental para a aquisição de conhecimentos, pois influencia a capacidade de organizar o pensamento, resolver problemas e interagir de maneira socialmente adequada.

Além disso, Birch e Ladd (1997) argumentam que vínculos afetivos sólidos reduzem a ansiedade escolar e aumentam o senso de pertencimento da criança à comunidade escolar, o que diminui a probabilidade de evasão e abandono escolar. Sentir-se parte do grupo, reconhecido e aceito, cria uma motivação interna para frequentar a escola e se engajar nas atividades, elementos essenciais para a construção de uma trajetória educacional consistente e positiva.

Jennings e Greenberg (2009) ampliam essa perspectiva ao relacionar o estabelecimento de vínculos afetivos na escola com a criação de uma cultura educacional que valoriza a empatia, o respeito e a colaboração. Essa cultura promove não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas também o crescimento socioemocional das crianças, preparando-as para os desafios futuros da vida em sociedade. A presença de educadores emocionalmente envolvidos, que reconhecem e valorizam as emoções infantis, favorece o desenvolvimento de competências socioemocionais, tais como a empatia, a resolução de conflitos e a cooperação.

Outros estudos, como os de Raver (2002), reforçam que o ambiente afetivo positivo contribui para a plasticidade cerebral, influenciando a capacidade de adaptação e aprendizagem ao longo do desenvolvimento. Crianças que experienciam vínculos seguros tendem a apresentar respostas cognitivas e comportamentais mais adaptativas, o que potencializa seu desempenho escolar e bem-estar geral.

É importante destacar que os impactos dos vínculos afetivos não se limitam ao período da Educação Infantil, mas reverberam por toda a trajetória escolar e, muitas vezes, pela vida adulta. Relações afetivas positivas na infância criam uma base para o desenvolvimento de autoestima, resiliência e habilidades sociais, que são essenciais

para o sucesso acadêmico, profissional e pessoal (Zins et al., 2004). Portanto, investir na construção de vínculos afetivos é, em última análise, promover uma educação que reconhece e valoriza a criança como um ser integral, capaz de aprender e se desenvolver em ambientes emocionalmente seguros e estimulantes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo evidenciou a importância fundamental dos vínculos afetivos na primeira infância e o papel imprescindível do educador na construção dessas relações no contexto escolar. A análise dos fundamentos teóricos demonstrou que a afetividade não deve ser tratada como um aspecto secundário ou acessório do processo educativo, mas sim como um componente central para o desenvolvimento integral da criança, influenciando diretamente seu equilíbrio emocional, suas habilidades sociais e seu processo de aprendizagem. Compreender que a afetividade constitui um pilar essencial da educação é crucial para a formação de educadores que atuem de maneira consciente, intencional e humanizada, capazes de reconhecer o impacto de suas interações no desenvolvimento pleno dos alunos.

Foi destacado que o educador, enquanto agente formador de vínculos, transcende a função tradicional de mero transmissor de conteúdos, assumindo uma postura de cuidado, escuta ativa e presença emocional

que favorece a criação de ambientes acolhedores, seguros e estimulantes. Essa atuação demanda não apenas competências técnicas, mas também uma sensibilidade desenvolvida para identificar e atender às necessidades emocionais das crianças, um aspecto frequentemente negligenciado na formação docente tradicional. A capacidade de estabelecer conexões afetivas genuínas com os alunos enriquece significativamente o processo de ensino-aprendizagem, promovendo não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também a formação de sujeitos críticos, empáticos e socialmente responsáveis, aptos a contribuir positivamente para a sociedade.

O cotidiano da Educação Infantil revelou-se o espaço privilegiado para o estabelecimento desses vínculos, pois é por meio das interações diárias, pautadas no respeito mútuo, na empatia e na escuta sensível, que as crianças se sentem valorizadas, compreendidas e seguras para expressar suas emoções e desenvolver suas potencialidades. Essas interações favorecem a construção de um ambiente propício ao aprendizado e ao desenvolvimento socioemocional. No entanto, o artigo

também identificou inúmeros desafios para a efetivação dessas relações afetivas, entre eles a sobrecarga de trabalho dos educadores, a diversidade e complexidade das demandas infantis, a persistente desvalorização da profissão docente e a insuficiência de políticas públicas que priorizem a dimensão emocional na educação. Esses desafios representam barreiras que precisam ser enfrentadas com urgência e responsabilidade, pois comprometem não apenas a qualidade da educação oferecida, mas também o bem-estar físico e emocional tanto dos educadores quanto das crianças, impactando negativamente o desenvolvimento integral e a permanência dos alunos na escola.

Os impactos positivos dos vínculos afetivos na trajetória escolar e no processo de aprendizagem foram amplamente discutidos, evidenciando que crianças que se sentem emocionalmente seguras, valorizadas e acolhidas apresentam níveis superiores de motivação, regulação emocional, senso de pertencimento e desempenho acadêmico. A promoção de vínculos afetivos sólidos desde a primeira infância configura-se como um investimento imprescindível no sucesso educacional e no bem-estar emocional das futuras gerações. Criar um ambiente escolar que valorize a afetividade contribui para uma experiência educativa mais rica, significativa e transformadora, onde as crianças se sintam motivadas a explorar, aprender e desenvolver-se em sua totalidade, respeitando sua individualidade e ritmo próprio.

Diante do exposto, conclui-se que a construção de vínculos afetivos deve ser reconhecida como eixo central e estratégico das práticas pedagógicas na Educação Infantil. Para que isso seja efetivamente alcançado, torna-se essencial a valorização e o apoio aos educadores, por meio de investimentos consistentes em formação continuada que incluam a dimensão socioemocional, além da implementação de políticas educacionais que reconheçam e incorporem a afetividade como parte inseparável do processo de ensino-aprendizagem. A formação de educadores deve ser ampliada para abranger não apenas as técnicas pedagógicas tradicionais, mas também estratégias e saberes que promovam a saúde emocional e o bem-estar integral das crianças, preparando os profissionais para atuar com humanidade, competência e sensibilidade frente aos desafios do cotidiano escolar.

Por fim, espera-se que este estudo contribua para ampliar a reflexão e o diálogo sobre a importância do papel do educador enquanto mediador das emoções e construtor de vínculos afetivos duradouros. É fundamental que as instituições de ensino e os gestores educacionais incentivem e apoiem práticas pedagógicas que

promovam ambientes educativos humanizados, inclusivos, acolhedores e verdadeiramente promotores do desenvolvimento pleno das crianças. Ao reconhecer e valorizar a afetividade na educação, não estamos apenas formando alunos mais preparados academicamente, mas também cidadãos mais conscientes, empáticos e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa, solidária e humanizada, capaz de enfrentar os desafios do presente e construir um futuro melhor para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AINSWORTH, M. D. S. et al. Padrões de apego: um estudo psicológico da situação estranha. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1978.

BIRCH, S. H.; LADD, G. W. Comportamentos interpessoais das crianças e a relação professor-criança. Developmental Psychology, v. 33, n. 4, p. 601-611, 1997.

BOWLBY, J. Apego e perda: apego. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

BRONFENBRENNER, U. A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos pela natureza e pelo design. Cambridge: Harvard University Press, 2004.

DAMÁSIO, A. O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DAY, C. O papel do professor como profissional cuidadoso na promoção do desenvolvimento pessoal dos estudantes. Educational Review, v. 56, n. 1, p. 33- 45, 2004.

FERREIRA, M.; SOUZA, L. Desafios para o trabalho docente na educação infantil: uma análise das condições de trabalho. Revista Educação e Sociedade,
v. 40, n. 145, p. 907-924, 2019.

HAMRE, B. K.; PIANTA, R. C. Relações precoces entre professor e criança e a trajetória dos resultados escolares até a oitava série. Child Development, v. 72,
n. 2, p. 625-638, 2001.

JENNINGS, P. A.; GREENBERG, M. T. A sala de aula pró-social: competência social e emocional do professor em relação aos resultados dos alunos e da turma. Review of Educational Research, v. 79, n. 1, p. 491-525, 2009.

KAYE, K. Relações de cuidado na educação e atenção à primeira infância. Early Child Development and Care, v. 181, n. 1, p. 15-27, 2011.

MONTIE, J. E.; XU, H. Consistência nas rotinas e a adaptação das crianças à escola. Early Childhood Research Quarterly, v. 23, n. 3, p. 381-391, 2008.

PIANTA, R. C. Aprimorando as relações entre crianças e professores. Washington: American Psychological Association, 1999.

RAVER, C. C. As emoções importam: o papel do desenvolvimento emocional das crianças pequenas para a preparação escolar. SRCD Social Policy Report, v. 16, n. 3, p. 3-19, 2002.

RINALDI, C.; BARROS, A. Educação infantil: o desafio da diversidade e da inclusão. São Paulo: Cortez, 2018.

SANTOS, M.; LIMA, P. A importância da afetividade na escola: um olhar para a prática docente. Revista Educação em Foco, v. 12, n. 24, p. 58-70, 2020.

SOUTO-MANNING, M. Formação de professores e o desafio da equidade e diversidade. Teachers College Record, v. 115, n. 8, p. 1-32, 2013.

TOBIN, J.; WU, D. Y. H.; DAVIDSON, D. Pré-escola em três culturas: Japão, China e Estados Unidos. New Haven: Yale University Press, 1989.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZINS, J. E. et al. A base científica que liga a aprendizagem socioemocional ao sucesso escolar. Journal of Educational and Psychological Consultation, v. 15, n. 2- 3, p. 191-210, 2004.